
POSFÁCIO

INTEGRANDO VARIAÇÃO, FUNÇÃO E GÊNEROS

Maria da Conceição de Paiva¹

Em algumas oportunidades de assistir a apresentações de orientandos da professora Vera Lúcia Paredes Silva, lhe sugeri a necessidade de reunir os diferentes trabalhos em um volume. Muito bem. Essa necessidade se concretizou no livro *Sintaxe, língua em uso e análise de gêneros*, que vem contribuir de forma indiscutível para a complexa inter-relação entre gênero textual/discursivo e variação linguística. A tarefa que me coube, a de escrever um posfácio para este volume, está longe de ser simples. Pela impossibilidade de tratar detalhadamente

¹ Maria da Conceição de Paiva é professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenadora do Programa de Estudos sobre o Uso da língua (PEUL). Durante muitos anos vem desenvolvendo pesquisas na área de variação e mudança em português numa perspectiva funcionalista, principalmente de fenômenos de ordenação de constituintes e de gramaticalização. Mais recentemente, seu interesse se volta para o desenvolvimento de conectores e para a inter-relação entre mudança no indivíduo e na comunidade. Publicou um grande número de artigos sobre esses aspectos e contribuiu na organização dos livros *Mudança linguística em tempo real*, com Maria Eugênia L. Duarte (UFRJ); *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*, junto a Christina Abreu Gomes (UFRJ); e *Studies on variation in Portuguese*, em colaboração com Pilar Barbosa (Universidade do Minho) e Celeste Rodrigues (Universidade de Lisboa).

as diferentes contribuições teóricas e práticas que os diferentes trabalhos reunidos no volume vêm trazer, sou obrigada a me limitar a alguns pontos: a importância da integração teórica e metodológica dos trabalhos para a compreensão de alguns fenômenos variáveis do português, a síntese entre uso linguístico/função e gênero e sua contribuição do volume para a caracterização de novos gêneros, propiciados, em especial, pela expansão da web. Destacamos, sobretudo, algumas questões que podem ser levantadas a partir dos trabalhos reunidos no volume e que incitam à continuação do atual empreendimento, orquestrado pela professora Vera Paredes.

O primeiro ponto a destacar é a organicidade do livro não apenas em termos teóricos, o modelo bakhtiniano, como também quanto aos assuntos/temas focalizados. Assim, a articulação dos trabalhos reunidos em torno de questões ligadas à referenciação e na variação possível nas formas para estabelecer continuidade referencial e temática em diferentes gêneros textuais/discursivos, em especial através de SNs complexos, de SNs encapsuladores ou de rótulos apontam diversas regularidades, que suscitam reflexão. Destaca-se, por exemplo, a predominância de sintagmas nominais de menor extensão, com 2 ou 3 itens lexicais, e de menor complexidade estrutural, ou seja, de nominalizações com um único encaixe, tanto em livros didáticos como em blogs, por exemplo.

Os estudos sobre o uso de SNs complexos trazem, ainda, novas e consistentes evidências também para a inter-relação entre posição do SN, função sintática e a natureza da informação introduzida pelo constituinte. Destaca-se a sistematicidade de SNs complexos na função de complemento (objeto direto ou indireto), na margem direita da oração e que introduzem informação nova ou inferível, independentemente do gênero considerado, ou mesmo da língua considerada. Confirma-se, pois, a relevância dos princípios funcionais de “ponto de partida leve” (CHAFE, 1987) e de “peso final” (QUIRK *et al.*, 1985; WASOW, 1997). Como pôde ser constatado em diversos dos estudos reunidos neste volume, essa tendência é sistemática tanto em gêneros escritos mais tradicionais, como nos textos de divulgação científica, quanto nos novos gêneros mediados pela internet e permite levantar a hipótese de que a forma de gerenciamento da comunicação humana ultrapassa possíveis diferenças de composição estrutural. Tal sistematicidade conduz, necessariamente à questão dos mecanismos cognitivos subjacentes a essa tendência.

Uma outra contribuição relevante das constatações empiricamente sustentadas pelos estudos concerne o comportamento similar de sintagmas nominais complexos que introduzem informação nova e informação inferível. Como

mostram alguns dos estudos, em gêneros como blogs políticos, os SNs complexos tendem a introduzir mais frequentemente informação inferível do que informação nova, como se pode esperar de SNs mais complexos. É o que nos mostra o trabalho de Felipe Diogo de Oliveira. Já nas notícias políticas digitais, sobressai a escassez de SNs complexos com informação nova (nova em folha nos termos de Prince, 1981), o que é atribuído por Lorena Cardoso dos Santos ao próprio ambiente digital, governado por um “imperativo de agilização” da produção textual, que leva a evitar o uso de SNs que exigem maior custo de processamento. Se, por um lado, essa tendência pode apontar aspectos distintos de tratamento da informação em gêneros ou suportes distintos, por outro ela permite levantar algumas questões sobre a própria natureza das informações consideradas inferíveis. Em que medida se distinguem de informações dadas e novas?

Considerando os aspectos acima destacados, duas questões se impõem: diferenças no uso de SNs complexos são apenas quantitativas ou qualitativas? Se há diferenças quantitativas, elas decorrem de diferença na estrutura composicional de um gênero ou do suporte pelo qual eles são veiculados? Evidências para uma discussão dessas questões são fornecidas pelo estudo de Lorena Santos que identifica recorrência um pouco mais expressiva de SNs mais extensos (acima de 4 itens) nas notícias políticas impressas do jornal *O Globo* do que nas notícias digitais publicadas no *GI*. Um outro aspecto particulariza as notícias políticas impressas, qual seja, a extensão de SNs de maior complexidade na função de sujeito. Para a autora, tais diferenças qualitativas podem ser atribuídas ao próprio suporte de divulgação, no caso a Web, caracterizada por maior imediatismo, e, portanto, menor grau de planejamento.

Diferenças mais salientes envolvem as diferentes formas/estratégias de referenciação nos vários gêneros textuais considerados neste volume, indicando a importância dos objetivos sociocomunicativos do autor no estilo do texto. Nos estudos voltados para a introdução e retomada de referentes no discurso, destaca-se a repetição de SNs plenos como uma forma de preservação da continuidade referencial, como mostra Talita Moreira de Oliveira, na análise dos livros didáticos de História. Independentemente do público-alvo visado, os livros de história parecem deixar explícita a relação entre o objetivo de clareza e facilitação da leitura que caracteriza o livro didático e os recursos linguísticos de que lançam mão. Mesmo sintagmas nominais que recategorizam o referente são evitados, principalmente no material para níveis de escolaridade iniciais. São explorados como forma de referenciação apenas nos textos didáticos destinados a alunos de nível mais avançado de escolarização.

Como destacado em diferentes estudos, os sintagmas nominais genéricos, encapsuladores ou rótulos, nos termos de Francis (1994), desempenham um papel particular e não se limitam a garantir a continuidade tópica do texto. Se, por um lado, constituem importantes recursos de referência, por outro, constituem estratégias linguísticas a serviço da argumentação. Assim, como constata Gabrieli Pereira Bezerra (neste volume), mesmo em textos didáticos de História, pressupostamente caracterizados por maior neutralidade, os rótulos e SNs encapsuladores podem ser explorados como veículos de posições do autor acerca dos fatos descritos, principalmente através da inserção de modificadores avaliativos. Dado esse papel, se explica a maior correlação entre SNs encapsuladores e rótulos não apenas com determinados gêneros textuais, mas também com sequências discursivas argumentativas.

A replicabilidade nos padrões de processos de variação, um princípio central da Sociolinguística Variacionista, é outra contribuição relevante dos estudos, principalmente dos que se debruçaram sobre variações sintáticas, como as formas de realização do objeto direto anafórico nos chats do Facebook. A predominância da variante categoria vazia nesse gênero digital acompanha a tendência mais geral já verificada por diferentes autores, com base em gêneros orais mais informais, fornecendo evidências robustas para a discussão do ponto em que se situa a linguagem da internet num *continuum* fala-escrita. O mais importante, porém, é que, assim como na língua falada espontânea, a predominância da categoria vazia nos chats do Facebook, como mostra Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro, é motivada pelos mesmos fatores que operam sobre o uso dessa variante tanto na fala como na escrita. Assim, a categoria vazia é motivada, principalmente, pela saliência do traço de animacidade do sintagma nominal fonte (cf. PAIVA; DUARTE, 2006). Essa convergência de padrões de variação permite colocar algumas questões: no caso de variação, qual o papel dos gêneros textuais e de diferentes suportes de comunicação na implementação variantes linguísticas? Pode-se pressupor que variantes linguísticas inovadoras tenham se originado em gêneros específicos, espalhando-se, gradativamente, para outros? Qual o papel da comunicação digital na propagação de variantes linguísticas inovadoras?

Como pôde ser observado em alguns estudos, as diferenças no uso de variantes linguísticas em gêneros com propriedades composicionais distintas são mais quantitativas do que qualitativas, com menor ou maior apelo a uma determinada variante, o que pode ser explicado seja em função dos objetivos sociocomunicativos do gênero, seja em razão do suporte utilizado. Sobressai,

por exemplo, o paralelismo na distribuição das variantes do objeto direto anafórico nos textos do Facebook Messenger e do WhatsApp. Da mesma forma, a distribuição da estrutura de deslocamento do sujeito (ou estrutura de duplo sujeito) é similar nos gêneros orais sermão, entrevista televisiva e aulas, embora predomine neste último.

No entanto, um outro ponto merece reflexão: em alguns casos, como evidenciado no estudo de Eliaine de Moraes Belford Gomes sobre a variação entre a construção de deslocamento do sujeito [SN + Pron. Anaf. + Verbo] e a construção [SN + Verbo] nos gêneros sermão, entrevista televisiva e aula. A princípio, os três gêneros, representativos de domínios distintos se assemelham por apresentarem planejamento prévio de conteúdo, mas menor planejamento linguístico, já que veiculados oralmente. Pouco recorrente em relação à construção canônica sujeito-verbo, a construção de deslocamento à esquerda é mais frequente nas aulas do que nos outros gêneros, como um provável reflexo da estrutura composicional desse gênero. Diferentemente do que se pode esperar, não se depreende um efeito regular das variáveis selecionadas, mostrando que as diferenças entre gêneros podem ultrapassar diferenças quantitativas, se situando no nível das suas motivações estruturais e/ou funcionais.

Alguns pontos destacados acima conduzem para uma outra questão que permeia diferentes estudos. Em que medida diferenças linguísticas qualitativas ou quantitativas no uso de determinadas estruturas se relacionam à estrutura composicional de gêneros distintos ou decorrem do suporte/meio no qual os textos são veiculados? Essa questão se reveste de maior importância, dado o inegável interesse dos estudos voltados para os gêneros digitais. Ou, ainda, em que medida elas podem ser atribuídas aos tipos textuais ou mesmo ao “estilo” particular a um determinador autor?

A primeira questão encontra elementos de resposta tanto nos estudos voltados para gêneros mais tradicionais, como os textos de divulgação científica e os textos didáticos, como nos estudos que desbravam os novos gêneros que emergiram pela ampla disseminação da web. Como evidencia Mariana Ximenes Bastos (neste volume), o estilo de artigos de divulgação científica (ADC) escritos por especialistas se distinguem claramente dos ADC escritos por jornalistas. Enquanto os primeiros recorrem a termos científicos e se caracterizam por maior distanciamento em relação ao leitor, os segundos apresentam maior dialogismo, com apelo à atenção do leitor e um léxico mais usual em que se encontra até mesmo a apelo a gírias. Essas propriedades resultam numa clara diferença no nível de formalidade dos textos, permitindo, assim, considerá-los como subgêneros.

A relevância do tipo textual/sequência discursiva fica transparente nos livros didáticos de história, direcionados para público-alvo distinto. Nesse gênero, pode predominar um ou outro tipo de sequência, em função do público-alvo visado, em superposição com certos usos linguísticos específicos e maior ou menor teor argumentativo. A importância do suporte, por sua vez, fica evidente na comparação entre notícias políticas publicadas nos jornais impressos e na web, que, segundo o estudo de Santos favorece escolhas lexicais que vão se refletir na estrutura interna dos textos

O desenvolvimento crescente e acelerado dos meios de comunicação digital coloca múltiplas questões não apenas do ponto de vista das suas influências (positivas ou negativas) na forma de interação entre as pessoas e no comportamento dos seres humanos, como já salientado pela professora Vera Lúcia Paredes Silva (em entrevista neste volume), como também por terem propiciado o aparecimento de novos gêneros discursivos. Se, por um lado, tal expansão ratifica a posição de Bakhtin (2003 [1979]) para quem novos gêneros podem surgir em função da dinâmica da própria sociedade, desafios se colocam na caracterização dessas formas de comunicação, algumas delas já bem consolidadas no mundo atual. A web constitui um espaço aberto à circulação de textos de diferentes domínios ou de diferentes esferas que se materializam em gêneros caracterizados pela multimodalidade, pela hipertextualidade, ou talvez melhor, intertextualidade, permitida pelos hiperlinks e pela “mescla de diferentes semioses” (ARAÚJO, 2016).

O blog é um bom exemplo da dificuldade de aplicar categorias/definições tradicionais aos gêneros digitais. Como mostram Felipe Diogo de Oliveira e Yalis Duarte Rodrigues Lima, os blogs, mais que um gênero, podem ser considerados um macrogênero que, de fato, abriga diferentes gêneros (postagens, comentários dos leitores), possuem uma estrutura composicional particular em que podem se associar recursos linguísticos, iconográficos como *emoticons*, fotos ou mesmo vídeos, além de links que permitem a intertextualidade. Além disso, podem constituir um espaço de interatividade entre membros de uma comunidade (a comunidade blogueira).

Os diferentes gêneros que compõem os blogs podem variar tanto na sua estrutura composicional como no seu estilo, como evidencia o trabalho de Yalis Lima, na comparação entre blogs de crítica cinematográfica e de relatos de viagem. Enquanto os primeiros possuem uma estrutura mais rígida, com alguns elementos obrigatórios, os segundos apresentam estrutura mais flexível. Distinguem-se, ainda, no seu estilo, como, por exemplo, no uso de pessoas

gramaticais ou de adjetivos avaliativos, dentre outros, que tornam os textos de viagem mais informais.

As peculiaridades dos gêneros digitais se refletem claramente no processo de referenciação como ilustra o trabalho de Jaqueline Barreto Lé, a partir da análise de anáforas indiretas em *tweets* jornalísticos, um gênero que apresenta algumas semelhanças com o blog, embora mais curtos. A autora identifica, além da própria extensão limitada os tweets, diversos outros mecanismos de referenciação próprios desse gênero como o uso de RTs, o mecanismo @_____, as hashtags por meio dos links #_____, por exemplo. É a hipertextualidade possibilitada pelos links que permitem ao leitor identificar o referente de muitos sintagmas nominais. Diferentemente do que ocorre nos gêneros escritos tradicionais, a cadeia referencial se amplia e cria mesmo condições particulares para o processamento de relações anafóricas, já que muitas vezes, o antecedente ou a âncora segue o SN a ela ligado.

Enfim, é expressiva a trajetória e que veio culminar em um conjunto harmonioso e com evidências empíricas diversas e instigantes para questões fundamentais da integração entre variação e mudança, função e gêneros. Mas a estrada continua. Portanto, aguardamos ansiosamente o próximo volume.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 49-64.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003, p. 261-306.

CHAFE, W. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. (ed). **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam, John Benjamins, 1987.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia e PAIVA, Maria da Conceição de. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (Posfácio à tradução de Marcus Bagno). São Paulo: Parábola, 2006, p. 131-151.

FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. *In*: COULTHARD, Malcolm. **Advances in Written text analysis**. London: Routledge 1994, p. 83-101.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, Peter (ed.). **Radical pragmatics**. Nova York: Academic Press, 1981, p. 223-254.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. Londres: Pearson Longman, 1985.

WASOW, T. Remarks on grammatical weight. **Language Variation and Change**, 9, 1997, p. 81-105.